

Nº 61

Migração Interna no Brasil

17 de agosto de 2010

Governo Federal
Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República
Ministro Samuel Pinheiro Guimarães Neto

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Marcio Pochmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Fernando Ferreira
Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Mário Lisboa Theodoro
Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

José Celso Pereira Cardoso Júnior
Diretor de Estudos e Políticas

Macroeconômicas

João Sicsú
Diretora de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Liana Maria da Frota Carleial
Diretor de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura
Márcio Wohlers de Almeida

Diretor de Estudos e Políticas Sociais
Jorge Abrahão de Castro

Chefe de Gabinete
Pérsio Marco Antonio Davison

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
Daniel Castro

URL: <http://www.ipea.gov.br>
Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

Comunicados do Ipea

Os *Comunicados do Ipea* têm por objetivo antecipar estudos e pesquisas mais amplas conduzidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, com uma comunicação sintética e objetiva e sem a pretensão de encerrar o debate sobre os temas que aborda, mas motivá-lo. Em geral, são sucedidos por notas técnicas, textos para discussão, livros e demais publicações.

Os *Comunicados* são elaborados pela assessoria técnica da Presidência do Instituto e por técnicos de planejamento e pesquisa de todas as diretorias do **Ipea**. Desde 2007, mais de cem técnicos participaram da produção e divulgação de tais documentos, sob os mais variados temas. A partir do número 40, eles deixam de ser *Comunicados da Presidência* e passam a se chamar *Comunicados do Ipea*. A nova denominação sintetiza todo o processo produtivo desses estudos e sua institucionalização em todas as diretorias e áreas técnicas do **Ipea**.

APRESENTAÇÃO¹

A migração interna no Brasil é o tema deste trabalho. O fenômeno da migração, em geral, escapa de imediato aos olhos dos analistas pela sua complexidade, submetida muitas vezes às hipóteses mais óbvias, como a atração pelas “luzes da cidade” ou a repulsão motivada por condições objetivas, econômicas e outras relacionadas ao mercado de trabalho. Em termos genéricos, essas indagações a respeito da migração omitem os fatores que podem ter determinado as partidas, a diversidade das condições que as motivaram e as trajetórias pessoais dos migrantes.

Este trabalho – ainda consciente dos limites das suas indagações, todas marcadas pelas limitações e potenciais das estatísticas disponíveis, – procura desenvolver uma reflexão a respeito da origem dos migrantes brasileiros, das suas particularidades e das qualidades sócio-econômicas que vão caracterizá-los quando se encontrarem em seus destinos posteriores.

Muitos migrantes voltam. Outros mantêm comunicações por palavras com parentes, amigos e familiares. Há ainda os que estendem essas comunicações ou as reduzem ao envio de recursos econômicos, silêncio motivado pelo sofrimento das saudades, pela vergonha, pelo orgulho duro das atividades e das situações de vida experimentadas, pela expectativa de reencontro.

Em todo caso, o migrante nem sempre é um sem lugar, inclassificável. Ele ocupa posições no mundo do trabalho; é objeto de especulações como “nordestino, nortista, paraíba”, “é feito para trabalhar na construção civil como pedreiro ou ajudante de pedreiro”; ou simplesmente suscita, como nos designativos citados, reações de rejeição e preconceito.

Este trabalho procura qualificar o migrante brasileiro em quatro momentos do tempo, tentando reelaborar, tanto quanto possível em um texto limitado em tamanho e pretensões, argumentos sobre as causas econômicas, sociais, políticas do fenômeno. Serão adicionados argumentos para que se conheçam alguns efeitos do fenômeno, tanto na estrutura demográfica das regiões de origem quanto nas regiões de destino.

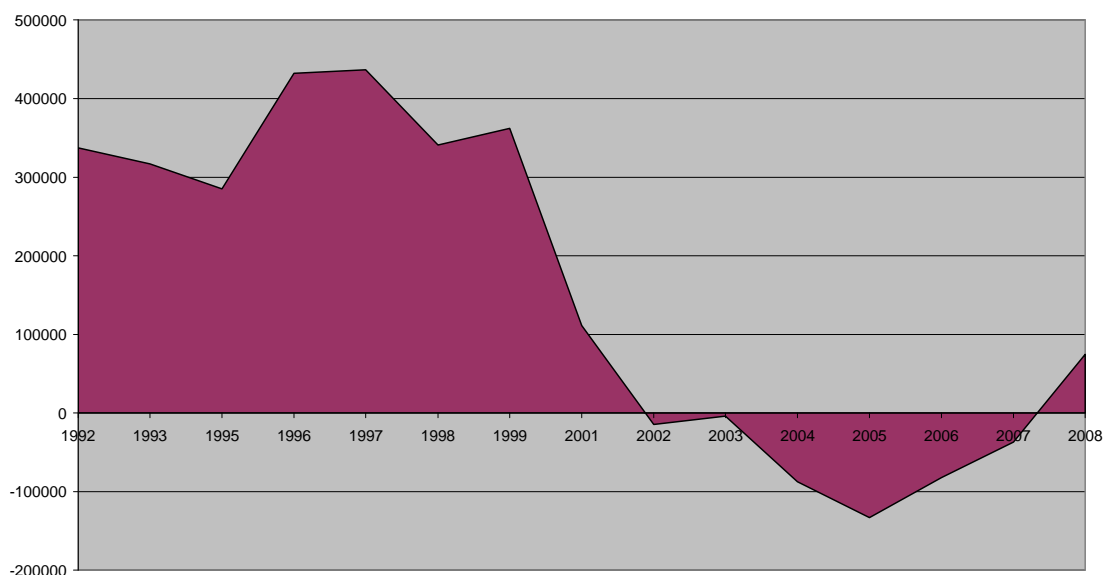
¹ Colaboraram para este texto Frederico Barbosa, Herton Ellery Araújo e Mariana Araújo.

I – MIGRANTES INTERESTADUAIS – DE ONDE VÊM PARA ONDE VÃO

A migração interestadual² compõe parte importante dos fenômenos migratórios. Em 1995, o número de migrantes aproximava-se de 4 milhões de pessoas (3% da população), volume que caiu para 3,3 milhões em 2008 (1,9% da população).

Nesse sentido, a Tabela 1 é reveladora de tendências dos movimentos migratórios. Note-se que mais de 60% dos migrantes encontram-se nas regiões Nordeste e Sudeste, nos quatro anos analisados, sendo que valores próximos se dão tanto para os imigrantes, quanto para os emigrantes dessas regiões. Os maiores fluxos migratórios se dão dentro da região Sudeste e do Nordeste para o Sudeste, à exceção do ano de 2005, quando a migração do Sudeste para o Nordeste foi maior. Observa-se também a importância relativa dos fluxos dentro da região Nordeste. O Gráfico 1 ilustra a trajetória dos migrantes entre essas duas regiões.

Gráfico 1 - Saldo Migratório entre as Regiões Sudeste e Nordeste



Desde o começo da série até o ano de 2001, o fluxo do Nordeste para o Sudeste era maior que o fluxo inverso. Essa situação foi invertida nos sete primeiros anos da atual década e em 2008 o fluxo entre as duas regiões voltou a ser favorável ao Sudeste novamente. Pode-se indagar sobre as motivações para esse comportamento. Nossas análises mostrarão uma mudança de perfil desses migrantes. Um exemplo é o fato de que os migrantes do Nordeste para o Sudeste já gozam de melhor situação, em termos

²Faremos nossas análises com base na pergunta de data fixa, que foi introduzida pelo IBGE a partir da PNAD 1992. A pergunta refere-se à moradia de exatamente cinco anos atrás. Nosso migrante é, portanto o indivíduo que mudou de estado nos últimos cinco anos.

de formalização do trabalho, que a dos próprios trabalhadores não migrantes da região Sudeste.

Embora os maiores fluxos, em número, estejam entre as regiões Nordeste e Sudeste, quando se relacionam os fluxos à população residente, as regiões Norte (2,6%) e Centro Oeste (3,7%) apresentam as maiores proporções de migração. Daí a importância de analisarmos os migrantes entre todas as regiões brasileiras, formando um quadro mais geral de análise.

TABELA 1
MATRIZES DE FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERESTADUAIS POR GRANDES REGIÕES
BRASILEIRAS, 1995, 2001, 2005 E 2008. VALORES RELATIVOS.

1995							
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Emigrantes	
Norte	3,4%	2,1%	1,2%	0,4%	2,3%	9,5%	
Nordeste	3,5%	9,0%	15,0%	0,7%	4,0%	32,1%	
Sudeste	1,0%	7,8%	14,9%	5,0%	3,7%	32,3%	
Sul	0,5%	0,3%	5,4%	6,0%	1,8%	14,0%	
Centro Oeste	1,7%	1,6%	3,0%	1,4%	4,4%	12,1%	
Imigrantes	10,0%	20,9%	39,6%	13,4%	16,1%	100%	
2001							
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Emigrantes	
Norte	3,2%	2,9%	1,4%	0,4%	2,3%	10,2%	
Nordeste	2,6%	8,4%	14,0%	0,4%	3,8%	29,2%	
Sudeste	1,1%	11,5%	14,0%	4,1%	4,1%	34,7%	
Sul	0,3%	0,3%	3,9%	6,4%	1,7%	12,6%	
Centro Oeste	1,3%	2,0%	3,6%	1,1%	5,3%	13,2%	
Imigrantes	8,5%	25,0%	36,9%	12,4%	17,2%	100%	
2005							
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Emigrantes	
Norte	4,2%	2,2%	1,2%	0,6%	2,2%	10,4%	
Nordeste	3,8%	8,4%	10,8%	0,6%	4,1%	27,7%	
Sudeste	1,4%	13,6%	13,4%	5,4%	4,2%	38,0%	
Sul	0,6%	0,6%	2,9%	6,3%	1,8%	12,2%	
Centro Oeste	1,5%	2,3%	2,8%	1,0%	4,2%	11,7%	
Imigrantes	11,4%	27,1%	31,1%	13,9%	16,5%	100%	
2008							
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Emigrantes	
Norte	4,4%	2,1%	1,6%	0,6%	2,0%	10,8%	
Nordeste	3,1%	7,9%	13,9%	0,5%	4,0%	29,4%	
Sudeste	1,2%	11,6%	14,0%	4,4%	3,2%	34,4%	
Sul	0,4%	0,5%	3,7%	5,7%	1,5%	11,8%	
Centro Oeste	1,6%	2,2%	3,5%	1,8%	4,6%	13,6%	
Imigrantes	10,6%	24,4%	36,6%	13,0%	15,4%	100%	

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

A partir dessa tabela, pode-se demonstrar que os fluxos migratórios não se dão somente de regiões pobres para regiões ricas. É possível observar, por exemplo, que a migração do Norte é maior para o Nordeste do que para o Sudeste. A observação da diagonal principal, que representa migrações dentro das regiões, mostra a importância relativa desse tipo de fluxo. A ideia comum de exportação da pobreza de regiões menos desenvolvidas para outras de maior poder e dinamismo econômico deve sofrer, então, restrições, ou melhor, qualificações, já que a proximidade também é um fator relevante para explicar os fluxos.

Se a migração é, grosso modo, resultante da pobreza, significando mobilidade direcional de pessoas de regiões mais pobres para outras mais ricas, também há mobilidade dentro de regiões pobres, já que os fluxos internos são, em geral, maiores do que as saídas para outras regiões. A única exceção é o Nordeste. Mais à frente retorna-se ao tema sob outro ângulo, o da adequação de expectativas do migrante ao contexto da oferta de trabalho. De forma mais direta, avalia-se a hipótese simples de encontro entre expectativas de obtenção de renda e trabalho por meio da migração e condições objetivas. Avaliaremos as taxas de ocupação do migrante.

Nosso objetivo é explorar algumas características dos migrantes interestaduais³ e compará-las entre si e com as dos não migrantes de cada região brasileira.

³ A amostra da PNAD, no entanto, não resiste a muitas desagregações das informações. Vamos analisar, portanto, um número limitado de grupos de migrantes, considerando apenas os que apresentam mais de 150 mil indivíduos (aproximadamente 300 casos na amostra) na Matriz de 2008. Por esta razão, alguns dos grupos de migrantes não farão parte da análise, como é o caso dos migrantes entre os estados do Norte.

II - ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A idade da população é um fator que influencia as decisões de migrar. Comparamos o grupo dos jovens (entre 18 e 29 anos) com o de adultos de 18 anos ou mais, para mostrar as diferenças migratórias entre os diversos grupos (Tabela 2). Na população brasileira em geral, esse indicador já está em diminuição, graças ao processo de envelhecimento populacional, fato corroborado ao observarmos as trajetórias dos não migrantes em todas as regiões. Entre os migrantes internos à região Sul, no entanto, houve um aumento expressivo no último período analisado (de 39,5% para 49,9%). Chama a atenção o alto percentual de jovens entre os migrantes do Nordeste para o Sudeste, que em 2008 foi de 62,9%, maior que o de não migrantes do Nordeste (32,8%) e mais que o dobro do registrado entre os migrantes do Sudeste.

TABELA 2
PERCENTUAL DE JOVENS (18 A 29 ANOS) NA POPULAÇÃO ADULTA, 18 OU MAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1.995	2.001	2.005	2.008
Imigrantes do Norte	51,7%	49,3%	47,9%	48,2%
Emigrantes do Norte	48,1%	49,7%	47,8%	54,2%
Não migrantes do Norte	38,4%	40,3%	38,1%	35,4%
Migrantes dentro do Nordeste	51,1%	45,7%	47,1%	47,0%
M. do Nordeste para Sudeste	65,4%	63,2%	61,5%	62,9%
Imigrantes do Nordeste	45,0%	41,5%	40,0%	39,4%
Emigrantes do Nordeste	60,7%	57,7%	56,3%	56,8%
Não migrantes do Nordeste	35,3%	35,4%	35,3%	32,8%
M. do Sudeste para Nordeste	42,1%	38,5%	34,7%	30,4%
Migrantes dentro do Sudeste	45,1%	42,2%	43,9%	42,0%
Imigrantes do Sudeste	53,1%	50,5%	49,8%	49,3%
Emigrantes do Sudeste	43,6%	40,3%	39,7%	36,8%
Não migrantes do Sudeste	30,6%	30,7%	29,3%	27,3%
Migrantes dentro do Sul	44,5%	43,5%	39,5%	49,9%
Imigrantes do Sul	44,2%	42,8%	40,0%	41,5%
Emigrantes do Sul	45,0%	44,0%	40,6%	43,0%
Não migrantes do Sul	31,4%	29,7%	28,3%	26,7%
Migrantes dentro do C. Oeste	45,3%	50,5%	39,8%	41,8%
Imigrantes do C. Oeste	51,8%	51,3%	49,0%	48,1%
Emigrantes do C. Oeste	44,7%	44,7%	41,8%	39,4%
Não migrantes do C. Oeste	36,8%	34,7%	32,6%	30,1%
Migrantes no Brasil	49,9%	47,3%	45,5%	45,6%
Não migrantes no Brasil	32,7%	32,5%	31,6%	29,5%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Uma questão levantada na literatura é a função catalisadora das redes sociais como apoio aos migrantes, ou seja, os maiores fluxos devem estar associados a maiores redes sociais. Como *proxy* de rede social ou familiar, utilizaremos a relação do indivíduo com a pessoa de referência do domicílio. A Tabela 3 mostra os casos em que o indivíduo (migrante ou não migrante) não é nem cônjuge nem filho da pessoa de referência no domicílio de destino.

Os migrantes encontram-se muito mais nessa situação do que os não migrantes (17,1% contra 9,3%). Além disso, os maiores valores do indicador estão associados aos maiores fluxos, ou seja, Nordeste/Sudeste.

TABELA 3
PERCENTUAL DE INDIVÍDUOS COM RELAÇÃO FRACA (NEM CÔNJUGE NEM FILHO) COM A PESSOA DE REFERÊNCIA DO DOMICÍLIO, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória	Anos	1.995	2.001	2.005	2.008
Imigrantes do Norte		18,6%	18,4%	18,2%	17,4%
Emigrantes do Norte		19,1%	16,8%	20,1%	17,4%
Não migrantes do Norte		11,8%	11,4%	10,7%	12,1%
Migrantes dentro do Nordeste		21,0%	16,4%	18,0%	19,7%
M. do Nordeste para Sudeste		32,5%	29,6%	29,2%	23,0%
Imigrantes do Nordeste		17,0%	13,0%	14,3%	16,7%
Emigrantes do Nordeste		28,0%	25,3%	24,2%	21,7%
Não migrantes do Nordeste		9,8%	10,2%	10,8%	10,6%
M. do Sudeste para Nordeste		12,9%	11,0%	12,0%	15,5%
Migrantes dentro do Sudeste		13,6%	17,2%	16,6%	16,3%
Imigrantes do Sudeste		22,1%	21,8%	20,5%	19,0%
Emigrantes do Sudeste		13,3%	14,7%	13,6%	14,4%
Não migrantes do Sudeste		8,0%	8,2%	8,1%	8,5%
Migrantes dentro do Sul		13,5%	14,2%	11,6%	16,2%
Imigrantes do Sul		12,9%	13,8%	12,6%	13,2%
Emigrantes do Sul		15,4%	13,6%	11,5%	14,4%
Não migrantes do Sul		7,0%	7,3%	7,2%	7,6%
Migrantes dentro do C. Oeste		13,7%	11,9%	15,4%	12,7%
Imigrantes do C. Oeste		20,0%	19,0%	19,0%	16,1%
Emigrantes do C. Oeste		15,6%	14,5%	15,6%	15,7%
Não migrantes do C. Oeste		7,5%	8,4%	8,4%	9,1%
Migrantes no Brasil		19,1%	17,8%	17,2%	17,1%
Não migrantes no Brasil		8,5%	8,8%	9,0%	9,3%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

III - EDUCAÇÃO

Interessante observar que a alta escolaridade do migrante (considerada como 12 ou mais anos de estudos) aumenta nos anos analisados. É verdade que o mesmo acontece entre os não migrantes, mas o ritmo é menor. Não há razão para não se levantar a hipótese de que a escolarização aumenta a probabilidade de migração, ou seja, o percentual de migrantes com pelo menos 12 anos de estudo é maior que o de não migrantes nessa situação, como se constata na Tabela 4.

TABELA 4
PERCENTUAL DE INDIVÍDUOS ADULTOS (18 OU MAIS) COM PELO MENOS 12 ANOS DE ESTUDO, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1.995	2.001	2.005	2.008
Imigrantes do Norte	11,1%	8,5%	11,6%	15,2%
Emigrantes do Norte	9,0%	7,7%	10,8%	14,7%
Não migrantes do Norte	5,2%	6,0%	6,8%	9,6%
Migrantes dentro do Nordeste	9,4%	10,7%	11,6%	20,0%
M. do Nordeste para Sudeste	3,5%	3,5%	6,3%	6,1%
Imigrantes do Nordeste	7,9%	8,6%	9,2%	14,1%
Emigrantes do Nordeste	5,7%	6,5%	8,6%	11,0%
Não migrantes do Nordeste	4,2%	5,2%	6,4%	8,4%
M. do Sudeste para Nordeste	5,4%	6,6%	6,7%	9,5%
Migrantes dentro do Sudeste	11,3%	14,0%	17,6%	23,5%
Imigrantes do Sudeste	8,5%	10,8%	14,5%	17,3%
Emigrantes do Sudeste	13,3%	14,4%	15,8%	21,2%
Não migrantes do Sudeste	10,6%	12,3%	14,2%	16,5%
Migrantes dentro do Sul	14,4%	18,6%	18,6%	23,5%
Imigrantes do Sul	17,5%	21,8%	20,1%	26,8%
Emigrantes do Sul	12,7%	18,9%	21,1%	24,8%
Não migrantes do Sul	8,9%	11,1%	13,8%	16,7%
Migrantes dentro do C. Oeste	4,1%	6,9%	13,0%	20,3%
Imigrantes do C. Oeste	9,2%	12,0%	16,0%	20,2%
Emigrantes do C. Oeste	9,9%	11,8%	15,1%	22,1%
Não migrantes do C. Oeste	7,5%	10,0%	13,0%	15,8%
Migrantes no Brasil	10,0%	11,7%	13,9%	18,1%
Não migrantes no Brasil	8,2%	9,7%	11,5%	13,8%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Nas regiões Nordeste e Sudeste, há uma seletividade em relação à distância de migração: os mais escolarizados preferem migrar dentro da própria região, enquanto a decisão de mudar de região fica relativamente mais restrita aos menos escolarizados. Já entre os migrantes das regiões Sul e Centro Oeste ocorre o oposto.

Assim, deve-se avaliar a hipótese de que a migração inter-regional sofre efeitos relacionados à estrutura dos mercados de trabalho, mais aberta aos migrantes de menor qualificação. Isso ocorreria especialmente no Sudeste, capaz de absorver mão-de-obra de menor qualificação relativa vinda do Nordeste, enquanto o trabalhador mais escolarizado multiplica suas estratégias de mobilidade considerando o aumento do seu capital relativo no contexto da sua própria região.

IV – MERCADO DE TRABALHO

Quanto à qualidade do trabalho, os dados não permitem uma abordagem completa sobre o assunto, mas sugerem que a migração impacta as estruturas do mercado de trabalho. Obviamente, estão em jogo não apenas qualidades pessoais do migrante, mas elementos estruturais relacionados à organização do mercado de trabalho.

Um primeiro indicador para avaliar a qualidade da inserção no mercado de trabalho é o percentual de ocupados na informalidade, aqui entendida como: sem carteira, conta própria, empregado doméstico com ou sem carteira, trabalhador para próprio uso ou consumo e sem remuneração. Essas informações estão na Tabela 5.

TABELA 5
PERCENTUAL DE TRABALHADORES INFORMAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória	Anos	1.995	2.001	2.005	2.008
Imigrantes do Norte		60,8%	63,5%	63,4%	54,0%
Emigrantes do Norte		69,0%	68,6%	64,2%	55,2%
Não migrantes do Norte		62,7%	63,8%	67,5%	61,3%
Migrantes dentro do Nordeste		70,3%	70,0%	63,7%	61,5%
M. do Nordeste para Sudeste		49,3%	50,2%	50,0%	40,9%
Imigrantes do Nordeste		73,5%	74,6%	72,4%	67,1%
Emigrantes do Nordeste		57,9%	58,3%	55,4%	48,4%
Não migrantes do Nordeste		72,9%	72,1%	71,2%	67,4%
M. do Sudeste para Nordeste		75,7%	78,9%	78,6%	71,3%
Migrantes dentro do Sudeste		58,0%	55,6%	51,3%	44,9%
Imigrantes do Sudeste		53,7%	52,1%	49,5%	42,4%
Emigrantes do Sudeste		60,4%	60,5%	59,3%	51,2%
Não migrantes do Sudeste		48,0%	49,2%	47,8%	43,4%
Migrantes dentro do Sul		44,4%	46,9%	44,9%	36,4%
Imigrantes do Sul		49,9%	46,0%	47,3%	40,1%
Emigrantes do Sul		47,7%	46,3%	43,6%	37,7%
Não migrantes do Sul		56,1%	54,6%	51,4%	47,3%
Migrantes dentro do C. Oeste		58,7%	58,2%	52,2%	55,4%
Imigrantes do C. Oeste		60,3%	57,0%	49,6%	48,6%
Emigrantes do C. Oeste		64,1%	58,6%	57,7%	55,1%
Não migrantes do C. Oeste		59,7%	57,5%	53,2%	50,2%
Migrantes no Brasil		58,8%	58,3%	56,5%	49,5%
Não migrantes no Brasil		57,6%	57,5%	56,4%	52,1%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Uma primeira constatação é de que a informalidade tem caído sistematicamente em todo o território nacional, tanto entre os não migrantes quanto entre os migrantes. A exceção é o caso da região Norte entre 2001 e 2005, em razão da inclusão da área rural na Pnad 2004, o que afetou tal trajetória.

Nos três primeiros anos da série observa-se que a informalidade é maior entre os migrantes que entre os não migrantes. Em 2008, essa realidade sofreu inversão. Isso ocorreu porque a velocidade de queda da informalidade tem sido maior entre os migrantes, com destaque para os migrantes do Nordeste para o Sudeste, que, tiveram

uma queda expressiva na informalidade, de 9,1 pontos percentuais (de 50% em 2005 para 40,1% em 2008). Essa dinâmica criou uma situação curiosa: os que migraram do Nordeste para o Sudeste se encontravam, em 2008, em melhor situação do que os próprios não-migrantes do Sudeste. Se o processo continuar nessa direção, será possível dizer que esses migrantes estão cada vez mais se qualificando em termos de inserção.

Podem-se lançar hipóteses explicativas variadas relacionadas às características pessoais. A educação, no entanto, é hipótese explicativa fraca, dado que a escolarização entre os migrantes do Nordeste para o Sudeste até diminuiu. Também podem ser aventadas causas estruturais do mercado de trabalho na região Sudeste, uma vez que a formalização geral aumentou. Por fim, lança-se mão de motivações conjunturais, como, por exemplo, o bom desempenho da construção civil na região Sudeste, já que cerca de 20% dos homens que migram do Nordeste para o Sudeste estão nesse setor.

TABELA 6
PERCENTUAL DE PESSOAS OCUPADAS COM MAIS DE 18 ANOS QUE TRABALHAM MAIS DE 45 HORAS SEMANAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1995	2001	2005	2008
Imigrantes do Norte	51,6%	53,5%	51,0%	48,2%
Emigrantes do Norte	54,0%	50,9%	41,5%	46,8%
Não migrantes do Norte	46,8%	48,1%	40,9%	35,5%
Migrantes dentro do Nordeste	43,7%	43,7%	41,3%	33,3%
M. do Nordeste para Sudeste	56,5%	50,7%	52,0%	46,3%
Imigrantes do Nordeste	44,2%	44,2%	38,1%	36,7%
Emigrantes do Nordeste	52,4%	50,1%	48,0%	42,7%
Não migrantes do Nordeste	38,7%	38,6%	35,6%	32,6%
M. do Sudeste para Nordeste	43,5%	43,8%	37,6%	36,7%
Migrantes dentro do Sudeste	48,8%	49,7%	45,1%	38,1%
Imigrantes do Sudeste	50,8%	49,4%	47,4%	42,3%
Emigrantes do Sudeste	47,2%	46,2%	41,9%	37,2%
Não migrantes do Sudeste	42,9%	43,5%	39,8%	34,9%
Migrantes dentro do Sul	41,6%	43,3%	34,1%	35,1%
Imigrantes do Sul	44,8%	44,1%	37,1%	36,3%
Emigrantes do Sul	46,5%	45,5%	40,4%	40,5%
Não migrantes do Sul	42,6%	42,0%	35,1%	33,2%
Migrantes dentro do C. Oeste	52,5%	44,1%	44,7%	42,1%
Imigrantes do C. Oeste	53,5%	48,7%	45,2%	43,1%
Emigrantes do C. Oeste	46,4%	46,5%	43,1%	42,5%
Não migrantes do C. Oeste	49,9%	47,2%	39,2%	36,8%
Migrantes no Brasil	49,2%	47,7%	43,6%	41,0%
Não migrantes no Brasil	42,3%	42,5%	38,0%	34,2%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Outro conjunto de informações a respeito das relações entre migração e qualidade do mercado de trabalho é o número de horas trabalhadas. A Tabela 6, acima, mostra o percentual de ocupados com mais de 18 anos que trabalham habitualmente mais de 45 horas por semana. Essa situação não desejável tem diminuído no Brasil como um todo, mas o ritmo de queda é diferenciado entre os diversos grupos estudados e, em geral, os

migrantes estão mais nesta situação (caindo de 49,2% em 1995 para 41% em 2008), do que os não migrantes (cujo índice foi de 42,3% para 34,2% no mesmo período). Entre os migrantes do Nordeste para o Sudeste, o percentual de pessoas que trabalham mais de 45 horas por semana é maior que entre os não migrantes e entre os migrantes do sentido inverso.

Quanto ao percentual de ocupação (ocupados sobre população), nota-se que há mais migrantes que se dedicam ao trabalho que não migrantes nessa situação. Entre os migrantes do Nordeste para o Sudeste, em particular, é registrado maior índice de ocupação, nada menos que 75% contra 68,9% dos migrantes do Brasil e 66,3% dos não migrantes do Brasil em 2008.

TABELA 7
PERCENTUAL DE OCUPADOS ENTRE PESSOAS COM 18 ANOS OU MAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1995	2001	2005	2008
Imigrantes do Norte	67,2%	64,2%	70,1%	68,4%
Emigrantes do Norte	70,7%	67,2%	73,7%	70,7%
Não migrantes do Norte	71,1%	68,4%	73,9%	71,9%
Migrantes dentro do Nordeste	66,7%	60,4%	63,4%	66,0%
M. do Nordeste para Sudeste	64,6%	62,6%	69,4%	75,0%
Imigrantes do Nordeste	65,4%	60,4%	63,8%	63,5%
Emigrantes do Nordeste	65,7%	62,8%	67,5%	71,9%
Não migrantes do Nordeste	66,7%	62,6%	64,8%	64,7%
M. do Sudeste para Nordeste	66,3%	61,0%	64,1%	59,7%
Migrantes dentro do Sudeste	64,8%	60,7%	65,5%	66,0%
Imigrantes do Sudeste	66,2%	63,4%	65,9%	70,6%
Emigrantes do Sudeste	66,5%	62,1%	66,1%	65,0%
Não migrantes do Sudeste	63,9%	61,5%	63,5%	65,2%
Migrantes dentro do Sul	75,4%	75,9%	69,1%	72,9%
Imigrantes do Sul	71,9%	70,5%	69,6%	71,3%
Emigrantes do Sul	74,4%	74,3%	68,1%	72,5%
Não migrantes do Sul	71,9%	69,5%	70,8%	70,5%
Migrantes dentro do C. Oeste	68,8%	65,4%	67,2%	72,0%
Imigrantes do C. Oeste	69,7%	66,2%	67,4%	71,2%
Emigrantes do C. Oeste	68,9%	65,3%	65,4%	71,3%
Não migrantes do C. Oeste	68,5%	67,0%	67,8%	69,2%
Migrantes no Brasil	67,5%	64,1%	66,6%	68,9%
Não migrantes no Brasil	66,3%	63,5%	65,6%	66,3%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Um indicador muito utilizado nas análises de mercado de trabalho é a taxa de desemprego aberto, que relaciona a procura de emprego com as pessoas economicamente ativas. A Tabela 8 mostra as taxas para os grupos em análise.

A taxa de desemprego dos migrantes é sempre maior do que a dos não migrantes, o que mostra uma maior capacidade do morador de ter sucesso na sua procura por emprego. A maior taxa de desemprego observada no último ano analisado é dos migrantes internos da região Sul, mas os migrantes do Sudeste para o Nordeste também têm taxas elevadas.

TABELA 8

TAXAS DE DESEMPREGO ABERTO PARA PESSOAS COM 18 ANOS OU MAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1995	2001	2005	2008
Imigrantes do Norte	7,8%	6,9%	7,7%	6,1%
Emigrantes do Norte	8,8%	9,9%	11,6%	6,8%
Não migrantes do Norte	7,3%	9,0%	7,4%	6,2%
Migrantes dentro do Nordeste	5,6%	11,5%	11,3%	9,0%
M. do Nordeste para Sudeste	11,4%	16,4%	12,9%	9,1%
Imigrantes do Nordeste	7,3%	11,2%	11,7%	9,2%
Emigrantes do Nordeste	9,8%	14,0%	12,0%	8,7%
Não migrantes do Nordeste	5,0%	8,5%	8,6%	7,2%
M. do Sudeste para Nordeste	8,1%	11,9%	11,4%	9,9%
Migrantes dentro do Sudeste	7,3%	13,3%	11,4%	8,9%
Imigrantes do Sudeste	9,3%	12,9%	12,2%	8,5%
Emigrantes do Sudeste	7,7%	11,8%	11,2%	8,6%
Não migrantes do Sudeste	5,7%	9,8%	9,6%	6,9%
Migrantes dentro do Sul	5,5%	4,2%	7,5%	10,4%
Imigrantes do Sul	7,2%	7,2%	8,0%	8,1%
Emigrantes do Sul	6,0%	4,9%	7,6%	8,7%
Não migrantes do Sul	4,2%	5,8%	5,3%	4,2%
Migrantes dentro do C. Oeste	9,9%	12,6%	10,2%	6,9%
Imigrantes do C. Oeste	8,5%	11,8%	12,1%	8,3%
Emigrantes do C. Oeste	8,9%	9,9%	10,6%	7,5%
Não migrantes do C. Oeste	5,2%	7,6%	8,0%	6,6%
Migrantes no Brasil	8,4%	11,1%	11,0%	8,3%
Não migrantes no Brasil	5,3%	8,6%	8,4%	6,5%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

Para se ter uma ideia mais precisa do sucesso dos diversos grupos com relação ao mercado de trabalho, resta analisar como eles são remunerados.

V - RENDIMENTO

O indicador mais direto é o salário médio dos ocupados, ou seja, quanto a população ocupada ganha de rendimento de todos os trabalhos, em média, por mês. Esses valores estão relacionados na Tabela 9, para todos os grupos em análise.

Uma primeira questão que salta aos olhos é o fato de o migrante ganhar mais do que o não migrante. Tal situação vale para todos os anos da série. Além disso, a diferença tem aumentado. No entanto, quando se olha mais de perto para os grupos, é possível constatar algumas variações no tempo e no espaço. Os migrantes que entraram no Sudeste entre 1990 e 1995 e entre 1996 e 2001, por exemplo, não conseguiram superar o salário dos não migrantes do Sudeste. O mesmo aconteceu no primeiro período para os que entraram no Centro Oeste, ou seja, os imigrantes desta região não conseguiram ganhar mais do que os não migrantes.

Apesar de o migrante ganhar mais em geral, é importante notar que os migrantes do Nordeste para o Sudeste (salário de R\$ 828,75 em 2008) não conseguem superar o salário no local de destino, R\$ 1.149,61 dos não migrantes do Sudeste.

TABELA 9
SALÁRIO MÉDIO DOS OCUPADOS, PARA PESSOAS COM 18 ANOS OU MAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.
EM REAIS DE 2008.

Situação Migratória\Anos	1995	2001	2005	2008
Imigrantes do Norte	1.432,78	1.005,61	923,05	1.152,78
Emigrantes do Norte	942,71	975,40	806,06	928,53
Não migrantes do Norte	892,00	796,09	657,64	773,55
Migrantes dentro do Nordeste	928,42	874,47	805,43	1.092,71
M. do Nordeste para Sudeste	850,72	723,11	738,94	828,75
Imigrantes do Nordeste	793,47	753,16	703,74	953,03
Emigrantes do Nordeste	893,48	785,92	759,25	920,58
Não migrantes do Nordeste	529,52	512,28	486,07	597,05
M. do Sudeste para Nordeste	657,96	624,27	564,06	785,45
Migrantes dentro do Sudeste	1.351,78	1.201,24	1.275,83	1.332,23
Imigrantes do Sudeste	1.167,81	1.050,36	1.074,31	1.177,48
Emigrantes do Sudeste	1.297,35	1.222,11	1.119,18	1.358,79
Não migrantes do Sudeste	1.265,64	1.157,30	1.052,55	1.149,61
Migrantes dentro do Sul	1.220,19	1.160,44	1.024,81	1.241,78
Imigrantes do Sul	1.382,67	1.422,97	1.207,39	1.451,83
Emigrantes do Sul	1.321,79	1.260,21	1.272,48	1.497,43
Não migrantes do Sul	999,02	919,11	933,74	1.070,96
Migrantes dentro do C. Oeste	901,69	864,96	1.016,80	1.193,46
Imigrantes do C. Oeste	1.020,27	1.202,88	1.139,03	1.432,50
Emigrantes do C. Oeste	1.170,24	1.030,39	1.017,44	1.401,86
Não migrantes do C. Oeste	1.022,40	1.016,33	1.028,40	1.215,14
Migrantes no Brasil	1.128,05	1.055,68	994,55	1.204,93
Não migrantes no Brasil	988,45	916,91	852,81	968,61

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

O peso da renda do trabalho na composição da renda total é o indicador mostrado na Tabela 10, a seguir. O migrante em geral tem esse peso maior do que o não migrante. Para o último ano, os valores são 85,8% e 76,6%, respectivamente. Das regiões brasileiras, o Nordeste possui o menor percentual entre não migrantes, mas os migrantes do Nordeste para o Sudeste, por outro lado, possuem o maior índice, nada menos que 93,2% em 2008.


TABELA 10
PERCENTUAL DA RENDA QUE VEM DO TRABALHO, PARA PESSOAS COM 18 ANOS OU MAIS, 1995, 2001, 2005 E 2008.

Situação Migratória\Anos	1995	2001	2005	2008
Imigrantes do Norte	94,9%	87,8%	89,9%	91,9%
Emigrantes do Norte	88,2%	84,6%	81,4%	84,0%
Não migrantes do Norte	85,5%	84,1%	82,1%	82,2%
Migrantes dentro do Nordeste	89,0%	83,3%	81,5%	85,8%
M. do Nordeste para Sudeste	92,5%	92,1%	89,7%	93,2%
Imigrantes do Nordeste	82,9%	80,1%	79,2%	81,4%
Emigrantes do Nordeste	92,0%	88,9%	86,8%	90,6%
Não migrantes do Nordeste	77,3%	74,2%	71,5%	72,0%
M. do Sudeste para Nordeste	79,5%	76,5%	74,5%	74,8%
Migrantes dentro do Sudeste	82,1%	81,0%	83,9%	85,7%
Imigrantes do Sudeste	87,0%	85,0%	83,3%	88,6%
Emigrantes do Sudeste	84,7%	81,0%	83,5%	82,9%
Não migrantes do Sudeste	82,1%	78,4%	75,7%	76,9%
Migrantes dentro do Sul	92,7%	87,8%	82,1%	83,5%
Imigrantes do Sul	90,4%	84,0%	83,4%	81,0%
Emigrantes do Sul	91,5%	89,9%	86,1%	88,6%
Não migrantes do Sul	82,7%	76,8%	76,6%	76,5%
Migrantes dentro do C. Oeste	85,5%	90,0%	78,7%	75,7%
Imigrantes do C. Oeste	89,5%	88,5%	87,3%	86,2%
Emigrantes do C. Oeste	87,5%	84,6%	79,7%	84,0%
Não migrantes do C. Oeste	85,5%	83,1%	81,8%	81,5%
Migrantes no Brasil	88,3%	84,8%	83,9%	85,8%
Não migrantes no Brasil	81,8%	78,1%	76,0%	76,6%

Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 2001, 2005 e 2008. Elaboração: NINSOC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de que a migração significa pobreza é parcial e só se aplica de forma relativa e em casos precisos e contextualizados. Como se viu até aqui, a migração se transformou em termos de seus significados e estrutura e como experiência social. Ainda assim, a migração não é, na maior parte dos casos, uma aventura. Ao contrário, deve ser considerada como deslocamento à procura de trabalho e renda. Migra-se de uma região para outra – ou internamente às regiões – com a intenção de melhoria das condições pessoais ou da família. Migra-se para atenuar as dificuldades vividas na origem, sejam ligadas ao baixo dinamismo das economias locais ou às vulnerabilidades e carências no sistema de proteção social.



Ipea – Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República